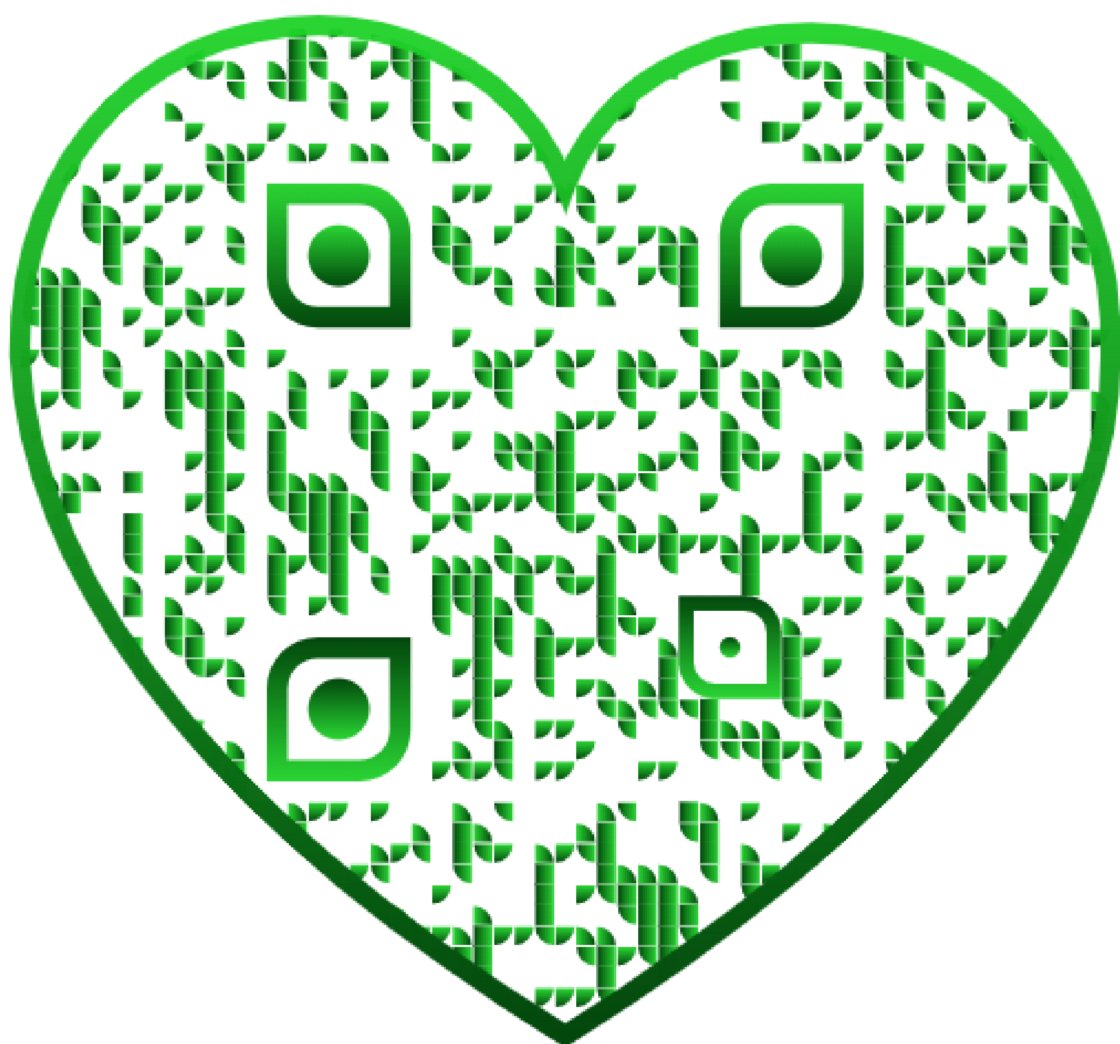
ALEC SILVA

o jardim celestial de Guilherme







Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros, com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

ALEC SILVA

o jardim celestial de Guilherme





ALEC SILVA

o jardim celestial de Guilherme





Copyright © Alec Silva, 2017

Capa

Samuel Cardeal

Diagramação

Alec Silva

Revisão

Alec Silva

Edição

EX! Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP:



Si586j Alec Silva, 1991-

O Jardim Celestial de Guilherme / Alec Silva – Luís Eduardo Magalhães, BA: EX! Editora/2017

1. Conto 2. Fantasia 3. Drama I. Título



Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor.

"O segredo não é correr atrás das borboletas. É cuidar do jardim para que elas venham até você."

Mário Quintana

PREFÁCIO

Meu primeiro livro, em formato físico, foi publicado em 2011. Composto por quatro histórias curtas, *Zarak, o Monstrinho* era minha estreia como escritor, numa época em que eu ainda tateava atrás da maturidade da escrita e tentava me encontrar como autor. Não que, no presente momento em que escrevo este prefácio, eu esteja profissionalmente elevado e satisfeito com o que escrevo, mas existe um abismo imensurável entre as duas versões minhas. Em todos os sentidos.

Quando consegui definir meus estilos literários e olhei para os primeiros trabalhos, decidi expandir três das quatro histórias presentes em meu primeiro livro publicado. *O Enigma do Cubo* se tornou uma novela de fantasia científica, *O Cubo das Eras*, e talvez ganhe uma sequência; algum dia, quem sabe, eu atualize a noveleta e a publique. *O Colecionador de Sílfides* provavelmente não terá o mesmo destino deste conto quanto a ser conhecido por outros leitores além daqueles que possuem um dos trintas exemplares da primeira e única tiragem do livro, mas certamente ganhará uma novela de fantasia mais elaborada e encorpada. *O Jardim Celestial de Guilherme* também será ampliado em uma novela ou romance, cujos primeiros capítulos escrevi entre 2015 e 2016; possuirá outro título, uma trama mais rica. E *Zarak, o Monstrinho* não ganhou uma nova versão, mas rendeu sequências: a novela *O Natal de Zarak* e o romance *A Guerra dos Criativos*, obra inaugural do que chamo de Lordeverso.

O conto que você lerá a seguir nasceu de uma ideia simples, que é meramente comentada por um personagem em um filme que minha fraca memória não me permite recordar o título. Lembro que o protagonista comentava sobre um papel importante que recebeu, após anos de ostracismo no mundo cinematográfico: era sobre um jardim mágico, semelhante ao que Guilherme conhece, possuindo quase os mesmos atributos, mas o final é totalmente oposto do que optei para a história.

Nesta nova edição, mantive o estilo simples da narrativa, preservei as divisões capitulares (que são extremamente curtas), alterei algumas frases, fiz um corte de umas duzentas palavras e pus outras cinquenta no lugar... Então, não esperem nada muito complexo, nada muito além de regular. Optei conservar a simplicidade deste texto justamente para poder me lembrar, talvez daqui vários e vários anos, de algo, de um garoto que sonhava ser escritor, apaixonava-se e sonhava com amores que a vida ensinou que não são tão belos quanto dizem os poetas.

Enfim, sem mais, boa leitura. E não sejam como o protagonista do conto. Ou como eu hoje sou.

Alec Silva

ALEC SILVA

o jardim celestial de Guilherme



Prólogo

A velha apresentava cada aposento com bastante calma e paciência.

A sala de estar era um lugar amplo, com detalhes barrocos no corrimão da longa escada e nos móveis de madeira. Alguns quadros de paisagens encantadoras decoravam as paredes, tendo um aspecto de raridade ímpar.

Ela e o comprador agora estavam subindo a escada, pisando cada um a seu ritmo nos degraus de madeira maciça.

— Os quartos são todos muito bons — comentou a senhora. — Seus amigos irão apreciar passar uma noite aqui.

— Não é de meu interesse chamar algum amigo — falou o homem, um pouco ríspido.

Ouvindo ou não, a velha não se importou. Continuou a mostrar cada parte da casa para o comprador, sempre destacando a beleza arquitetônica.

— Meu avô buscou criar um lugar que remetesse a um sonho — disse ela, com a voz fraca. — Segundo ele, o sonho era a parte mais real da vida.

— O Sr. Oliveira e Silva era um poeta, pelo que eu posso notar — comentou o homem, mostrando alguma simpatia.

— Até enlouquecer...

Todos conheciam a história do grande barão que mandara construir aquela magnífica mansão: um homem viúvo, importante fazendeiro, um indivíduo apaixonado pela poesia. De repente, jurou ver a mulher falecida no jardim e acabou trancafiado num hospício.

— Este é o quarto principal — apresentou a velha, mudando de assunto.

A mão trêmula apontava para um aposento amplo, com uma grande cama decorada com um véu azulado e transparente.

O comprador entrou logo após a antiga dona, indo até a enorme janela. Puxando as cortinas vermelhas, pôde ver o jardim que sempre fora o mistério de toda a propriedade.

— Podemos ir lá? — indagou, admirado.

— No jardim?

— Sim.

— Claro que podemos.

Ambos saíram do quarto. Desceram a escada. Atravessaram a sala de estar até alcançarem uma porta discreta — a passagem direta para os fundos da propriedade.

A velha pegou uma chave dourada e pô-la na fechadura, destrancando-a. O ranger fez o homem sentir uma incômoda dor nos ouvidos.

Quando a porta se abriu, os olhos negros do comprador viram um gramado verde-vivo extenso, terminando num muro de arbustos bem cortados, com apenas uma entrada.

— É belíssimo! — exclamou ele, totalmente fascinado.

A simpática senhora sorriu já acostumada com adjetivos como aqueles para o antigo e belo jardim.

— Meu pai o chamava de "Jardim Celestial" — comentou, orgulhosa. — Ele me contava que era um lugar para se sonhar com a vida.

— Sua família só tinha poetas, não? — brincou o homem, porém sem sorrir.

— Logo, logo o senhor saberá o porquê.

O comprador não percebeu, mas a velha falara aquilo com certo brilho nos olhos esverdeados. Havia na mente as recordações de suas próprias experiências no interior do jardim cercado.

Capítulo 1

Nos dias seguintes, todo o tempo que Guilherme dispôs foi para cuidar dos negócios que herdara do pai e analisar contratos de publicação e comercialização de seus livros. Ele passara longas horas no escritório ou na biblioteca, ambos os lugares de grande silêncio e concentração. Ora ou outra se dava ao direito de espiar o mundo exterior, contemplando as nuvens, o céu anil ou o fascinante jardim.

Ainda não havia tido a oportunidade de visitar o enorme cercado-vivo. Desde o dia que a esposa morrera, vítima de uma doença grave, o empresário buscara se isolar, afundando-se em indagações. Por consequência, parara de apreciar a companhia dos amigos e de observar romanticamente a natureza.

Seu mais recente livro, uma crítica áspera aos que acreditavam em coisas espirituais, estava causando muita confusão no meio acadêmico. A maioria dos céticos e ateus elogiava a obra, mas os religiosos — junto com a mídia e os populares — a condenavam. Ser filósofo e questionador era correr riscos.

Dando uma pausa de tantos contratos, Guilherme caminhou até a janela do escritório. Por ficar no andar de cima, era possível ver parte do jardim e contemplar o céu noturno com melhor atenção.

Os olhos negros do escritor fitaram pouquíssimas estrelas, fato comum em áreas urbanas, locais onde a luz artificial ofuscava a luz celestial.

— Samara — sussurrou, lembrando-se da esposa falecida.

Totalmente envolto pela saudade, com os olhos lacrimejados, contemplando a noite, o homem entregou-se completamente a uma lembrança de um tempo em que ele e Samara eram namorados.

Capítulo 2

A madrugada estava amena, nem fria, nem quente. No céu, sem uma nuvem sequer, brilhavam pontos e pontilhos. A lua não estava presente.

Sob o céu estrelado, deitado num tapete, um jovem casal olhava as estelas.

Os dois haviam acabado de chegar àquele ponto da colina e olhavam, maravilhados e apaixonados, para o alto.

— Veja, Guilherme! — pediu a jovem, num tom meigo. — É uma cadente!

O rapaz sorriu.

— Acabei de fazer um pedido — comentou.

— Eu também.

— Eu pedi para nunca nos separarmos.

— Você é louco?! — exclamou a namorada, um pouco preocupada. — Se você pedir algo e depois contar, não vai acontecer!

Guilherme riu, achando graça da superstição.

— Você acredita mesmo nisso, né? — indagou, fitando o rosto sereno da namorada.

— E você não? — retrucou a jovem, também fitando o rosto do namorado.

— Em breve serei um filósofo formado; não devo ficar acreditando em tudo isso.

A jovem virou o semblante para o outro lado, não apreciando a resposta do rapaz. Se ele continuasse daquele jeito, logo se tornaria um ateu convicto e rabugento.

— Não fique chateada, por favor! — pediu Guilherme, percebendo a idiotice que fizera.

— Eu não gosto de seu ceticismo, você sabe muito bem — disse Samara, sem fitar o namorado.

— Eu sei. Sou mesmo um tolo, mas também sou louco por você.

Terminando de falar, o rapaz se pôs parcialmente sobre o corpo da namorada e beijou-lhe os

lábios finos.

Foi um beijo agradável de reconciliação. Era sempre assim que as brigas cessavam e davam lugar outra vez a algo que realmente era importante: o amor.

— Você me perdoa? — perguntou o namorado, após o beijo.

— O que o amor não perdoa, Sr. Sócrates?

Aquela pergunta era tudo o que o rapaz precisava ouvir, pois Samara o chamava de "Sr. Sócrates" apenas quando estava de bem com ele.

Ambos se beijaram mais intensamente.

Compartilhavam juntos muitos sonhos e projetos. O casamento era um deles. Em breve o rapaz concluiria o Ensino Superior, logo sendo contratado pelo pai; também muito em breve herdaria uma fortuna de um primo falecido há alguns anos. Já a namorada dele começava a faculdade de Psicologia — e ganhou de Guilherme o apelido carinhoso de "Dra. Jung".

Sob as estrelas ambos viviam a fazer juramentos, sem se importarem com as surpresas que o futuro reservava a cada um deles.

— Você sabia que antigamente as pessoas achavam que as estrelas eram almas de entes queridos já falecidos? — indagou o namorado, com um belo sorriso romântico.

— Como você sabe? Você nem acredita nisso!

— Só porque eu não acredito não quer dizer que eu não possa pesquisar sobre o assunto.

Samara achou graça. Ter um namorado filósofo tinha alguns prós e contras, pois todo filósofo era crítico, não aceitando nada como verdade antes de boas análises; mas era uma pessoa sábia e interessada nas questões humanas e da vida.

Voltando a olhar o céu estrelado da madrugada, o casal de namorados tinha mais certeza de que nunca se separariam.

Capítulo 3

Quando Guilherme acordou, já era manhã. Ainda sob o efeito do sono, olhou ao redor. Estava no sofá do escritório. Sentou-se, sentindo o corpo doer.

O sonho que tivera fora maravilhoso, fazendo-o de alguma maneira sentir a presença física da esposa. Sua boca parecia sentir o gosto do beijo de Samara.

Ele tocou os lábios com as pontas dos dedos da mão direita, totalmente confuso.

"Será que foi realmente um sonho?", perguntou-se, entre o ceticismo e a aceitação do fantástico.

Neste momento a governanta bateu na porta de madeira, dissipando os pensamentos do escritor.

— Senhor, o pessoal da reforma chegou — anunciou a empregada, pois era costume do patrão estar acordado àquela hora da manhã.

— Peça para irem começando a ver a mansão! — pediu Guilherme. — Irei daqui a pouco conversar com eles.

Antes de levantar-se, o filósofo tornou a pensar no sonho que tivera. Até a voz de Samara parecia recente em seus ouvidos. Fazia cinco anos que ela havia morrido, mas a dor ainda era a mesma daquela noite chuvosa.

Abandonando as lembranças, ele levantou-se e saiu do escritório.

Capítulo 4

O projeto de Guilherme ao comprar a propriedade era construir ali um centro cultural, uma instituição de ensino voltada exclusivamente para as ciências. Aproveitaria a mansão e, a partir dela, ampliaria até invadir todo o espaço que pertencia ao jardim.

Ele analisou as plantas da construção, adorando cada detalhe apresentado.

— Começaremos na segunda — falou o arquiteto responsável.

— Tudo bem — concordou o empresário, contente.

Quando os construtores foram embora, o dono da mansão aproveitou a manhã para conhecer melhor o jardim. Pelo pouco que já havia notado, o interior era como o de uma sala de algum jardim botânico europeu.

Adentrando agora, com grande curiosidade, notou que todas as plantas tinham flores, mas poucas estavam desabrochadas. Rosas, cravos, orquídeas, girassóis, petúnias e inúmeras outras espécies possíveis. Tantos botões prontos para explodirem em cores!

Guilherme percebeu bancos de mármore, em alguns tamanhos variados. Sentou-se em um, atraído por uma força inexplicável. Ele viu uma borboleta azul e preta voando de um lado a outro, buscando alguma flor para beijar o néctar e o pólen

Vendo-a, ele lembrou-se que os antigos gregos acreditavam que as borboletas e mariposas eram símbolos da alma por causa de sua leveza e beleza — inclusive havia uma espécie de borboleta com o nome *Psychis*.

— Samara — sussurrou, sentindo um perfume bastante familiar.

Todo o jardim estava envolvido num aroma artificial, um perfume que apenas a falecida esposa usava.

O empresário levantou-se num salto, buscando alguém que pudesse estar ali. Mas não havia mais ninguém.

— É apenas uma ilusão — falou para si mesmo.

Olhando para o relógio, Guilherme saiu do jardim. Tinha alguns compromissos a cumprir, incluindo uma festa beneficente.

Capítulo 5

Festas beneficentes eram, na verdade, eventos para autopromoção: quando um empresário organizava uma, estava tentando fazer o seu nome ficar conhecido — pelo menos era esse o ponto de vista do filósofo, que participava de tais acontecimentos apenas porque o dinheiro ia realmente para a caridade.

Servindo-se de champanhe e de bons vinhos, Guilherme evitava conversar com aquelas pessoas sem conteúdo. Ora ou outra alguém vinha falar sobre algum livro ou o fato de ele discriminar a espiritualidade ou ainda sobre algo que não mudaria sequer uma vida.

Quando o organizador do evento iniciou o discurso sobre a importância de praticar a filantropia, tudo o que o escritor ouviu foi uma torrente de futilidades.

Talvez devido ao álcool e o seu efeito ou à intolerância que tinha como marca da personalidade, o fato foi que o filósofo bateu palmas no meio do discurso, chamando a atenção de todos.

— Belas palavras! — gritou. — Nem um tolo as diria tão bem quanto você!

— Acha que falei alguma tolice? — perguntou o orador, com um sorriso amarelo.

— Eu não acho. Tenho total certeza.

Houve murmúrios.

— Suponhamos por um momento — continuou Guilherme —, só por um momento, que todos aqui presentes, inclusive eu, não fôssemos gente de negócios importantes. Logo, seríamos gente anônima.

— Não estou compreendendo — interrompeu o dono da festa, sentindo cada vez mais raiva do convidado.

— Nós, por sermos anônimos, buscaríamos meios de sairmos do anonimato, certo? E como faríamos isso? Promovendo festas beneficentes!

Ninguém apreciou as insinuações. Por conhecerem a fama do homem, as pessoas presentes nada falaram. Tudo o que aconteceu foi que alguns seguranças surgiram e pediram-no para sair — o que ele fez sem nenhum protesto, pois detestava as festas que tanto as pessoas lhe convidavam a comparecer.

Capítulo 6

Incapaz de dirigir, Guilherme foi para casa a pé. Andando um pouco cambaleante, o escritor pensava na esposa falecida. Se ela o visse bêbado, daria uma bronca — era quem o controlava nas festas e reuniões, impedindo-o de falar tudo o que lhe viesse à cabeça.

Ao entrar na mansão, notou o enorme vazio que era o lugar. Todos os empregados dormiam. Passava da meia-noite. Ele andou até a porta que levava direto aos fundos da propriedade, destrancando-a e abrindo-a. Os olhos negros fitaram algumas luzes vindas do jardim.

Andou cambaleando pelo gramado, na tentativa de distinguir as luzes multicoloridas. Reparou que não provinham dos postes, e sim dos arbustos. E o mais fantástico: moviam-se de um lado a outro.

— Vaga-lumes?! — estranhou.

Ele ouviu uma doce melodia. E um perfume agradável invadiu o olfato.

— Samara! — exclamou, um pouco empolgado.

Aumentando o ritmo dos passos, entrou imediatamente no jardim. Quase teve um infarto: viu algo inacreditável e improvável. Todas as flores estavam desabrochadas e fluorescentes; o gramado mais parecia um tapete estrelado, um reflexo do céu noturno!

Mas nada era mais maravilhoso do que ver e ouvir alguém que há tanto tempo não se via e nem se ouvia.

Capítulo 7

A manhã surgira bela e barulhenta. Os construtores chegavam, trazendo materiais para o começo das obras. Segundo as ordens do contratante, primeiro reformariam a mansão.

Tanto barulho fez Guilherme acordar sobressaltado, fazendo-o cair do banco em que estava deitado.

— Samara! — chamou, bastante assustado.

Olhando para todas as direções, o homem buscou encontrar a esposa falecida. Ainda agiam sobre ele o efeito do sonho que tivera e a ressaca. Talvez tudo aquilo lhe fizera crer piamente em algo totalmente impossível.

Capítulo 8

Durante todo o dia a única coisa que povoou a mente do filósofo foi o sonho que tivera. Por mais que fosse cético, a realidade existente no sonho era impressionante. Não poderia ser apenas uma reles quimera de seu subconsciente.

Tentando ler os contratos editoriais, na tentativa de distrair os pensamentos, tudo o que ele conseguiu foi irritar-se com tanta burocracia. A cabeça doía terrivelmente.

As refeições feitas por Guilherme foram rápidas e pouco apreciadas, pois a dúvida lhe atormentava. Seria apenas sonho o que ocorrera no jardim? Haveria algo sobrenatural no lugar?

Intrigado, já durante a tarde, abandonou a biblioteca, passou por entre os construtores e adentrou o cercado-vivo. Tentou encontrar as flores desabrochadas. Em vão. Todas estavam ainda em botão.

— Meu Deus! — exclamou o escritor, decepcionado. — Estou enlouquecendo!

Capítulo 9

Guilherme olhava para aquela figura sem acreditar no que via. O efeito alcoólico lhe fazia ver claramente uma silhueta feminina muito conhecida. Roupas claras e irradiantes, longas até atingirem os pés e um comprido cabelo negro e encaracolado.

— Sr. Sócrates, por que fez isso? — indagou a mulher, com a voz meiga, tão amorosa quanto o empresário era capaz de se lembrar.

O filósofo tentou falar, mas a voz não saiu.

— Por que bebeu? — perguntou a figura, aproximando-se do homem. — Você é tão bom. Não precisa beber.

Os olhos do escritor estavam lacrimejados.

— Desculpa! — pediu, reunindo toda a força que dispunha.

A mulher abraçou-o, afagando-lhe a cabeça e beijando a bochecha esquerda.

— Sempre o perdoarei, Sr. Sócrates — murmurou, tão doce quanto o néctar.

Guilherme sentiu o calor, o perfume e a presença tão querida da esposa. Lágrimas desceram de seus olhos, molhando toda a face.

— Descansa um pouco, meu amor! — pediu Samara, num tom de voz convidativo.

E foi no colo da esposa que o filósofo adormeceu, deitado num dos bancos do jardim.

Capítulo 10

Olhando o sol se pondo pela janela, o escritor pensava em retornar ao jardim. Sendo um homem que devia buscar a verdade sempre, era certo que ele devesse buscá-la naquele momento, onde quer que estivesse oculta.

O melhor a fazer era voltar ao local que tudo acontecera e tentar entender alguma coisa.

Capítulo 11

Tudo estava normal. Os raios solares ainda tocavam a vida vegetal; as borboletas dançavam no ar, ora em algumas folhas, ora aproximando-se do visitante. Nada que desse ao lugar um clima onírico.

Guilherme sentou-se num dos bancos, pensativo. Principiava a questionar a própria sanidade, pois agora tudo parecia uma fantasia — não havia magia alguma no local.

Analisando a louca ideia que era achar que o jardim tinha algum poder maravilhoso, ele não notou que a noite avançava sobre toda a propriedade e poucas estrelas já surgiam.

Era comum, nos momentos de reflexão, esquecer-se do tempo e se envolver em pensamentos. Poderia muito bem passar até dias naquele estado, sem sentir fome, sede ou cansaço.

— Que bom que veio, Sr. Sócrates! — exclamou uma voz suave e melódica.

O homem ergueu os olhos negros, já lacrimejados de emoção, e viu um semblante meigo olhando-o.

— Samara — sussurrou, tomado completamente pela emoção de ver a figura etérea da esposa.

Capítulo 12

Samara abraçou o marido, deixando que ele a beijasse. Tudo nela era amor. E tudo nele era saudade.

— Por que você me abandonou? — perguntou Guilherme, após o beijo.

— Eu nunca o abandonei, Sr. Sócrates. Foi você quem não soube me encontrar.

A voz da esposa mantinha-se sempre suave, demonstrando todo o amor que sentia.

— Mas agora você sabe onde eu estou — emendou, sorrindo.

— Sim, eu sei.

Todo o jardim estava iluminado pelo brilho celestial das flores desabrochadas.

— Venha comigo ver a mansão! — chamou o homem, pegando com firmeza na mão delicada de Samara.

— Não — recusou a esposa. — Vamos ficar por aqui mesmo. Vamos olhar a beleza deste lugar.

Ele assentiu, totalmente fascinado com o jardim vivo em cores e formas, muito parecido com o céu que era acostumado a ver com a amada em tempos longínquos.

Os dois sentaram-se no gramado estrelado.

E por toda a madrugada eles se amaram, ambos desejosos por saciarem a longa saudade de cinco anos.

Capítulo 13

Quando Guilherme despertou, completamente nu, procurou pela amada. Outra vez o jardim estava normal, sem nada de especial. Apenas um perfume distante no ar. E o barulho de construção na parte exterior do cercado.

Ele vestiu-se rapidamente, tomando o máximo cuidado para que ninguém o visse. Algo em seu íntimo avisava que veria Samara apenas à noite, pois a magia que havia no jardim parecia se manifestar apenas na ausência do Sol.

Antes de entrar na mansão, conversou com o chefe da obra, que lhe garantiu acelerar o trabalho e terminar o quanto antes — o que o deixou bastante contente.

Capítulo 14

As semanas passaram.

Noite pós noite Guilherme e Samara se encontraram, relembrando momentos maravilhosos que viveram juntos. Noite pós noite ambos falaram apenas um do outro. Noite pós noite os dois se amaram. Noite pós noite a poesia uniu-se à magia do local.

As obras da construção do centro cultural se intensificaram, começando a mudar a aparência do jardim, com o desaparecimento do cercado. As plantas davam lugar ao cinzento.

E, sem que o escritor percebesse, algo começava a mudar também o prestígio do pequeno mundo celestial; alguma coisa estava prestes a acontecer, algo que marcaria a vida de Guilherme para sempre.

Capítulo 15

Chovia bastante. Se não fosse uma pequena casa existente no fim do jardim, ambos estariam na chuva. A noite estava inexplicavelmente triste, carregada de melancolia. Até o semblante de Samara estava tristonho, o que incomodou o marido.

— O que foi, amor?

— Foi numa noite chuvosa que nos perdemos — respondeu a mulher, com a voz abatida.

O escritor recordou-se daquele momento fatídico.

Quando a esposa teve uma piora na doença, imediatamente foi levada ao hospital. Por ela já estar bastante debilitada, os médicos avisaram ao marido que nada mais poderia ser feito. Foi quando ele recebeu a derradeira promessa...

Capítulo 16

Os olhos amendoados de Samara estavam carregados. A morte já era evidente em cada detalhe de sua face. Os lábios, totalmente sem o rubor de vida, tentavam pronunciar algumas palavras.

Tudo isso doía na alma do marido.

Aproximando-se, o filósofo tentava transmitir para a moribunda um pouco de confiança. Pura ilusão, pois ela sabia muito bem o destino que se espreitava.

— Como está a noite? — indagou a esposa, com a voz fraquíssima.

— Chuvosa, assim como a minha alma.

— E a minha também.

Os dois choravam, emocionados.

— Eu o amarei para sempre, Sr. Sócrates — disse Samara, sorrindo levemente.

— Eu também a amarei para sempre, Dra. Jung.

Guilherme se prostrou, ficando bem próximo da amada, quase deitado na cama hospitalar; o corpo estava um pouco sobre o da mulher, sentindo a fraca respiração de seu peito cansado de tanto sofrer com a doença. Beijou seus lábios mornos, quase gélidos.

— Sempre estarei em alguma estela, em qualquer lugar, olhando-o — sussurrou Samara, antes dos lábios quentes do escritor afastarem-se completamente dos seus.

Quando o marido fitou o semblante da enferma, ela já estava morta, totalmente entregue ao mundo desconhecido.

Lá fora, perto da madrugada, a chuva compartilhava a dor que o homem sentia com a perda da amada.

Capítulo 17

Guilherme sentiu o abraço apertado da esposa. Ela chorava em silêncio. O escritor perguntou o motivo, mas nenhuma resposta obteve. Tudo o que a mulher queria era ficar o máximo possível com ele, sentir seu calor e passar o dela para ele.

— A noite está fria, Sr. Sócrates — falou Samara, a voz carregada de tristeza.

— Eu vou ficar aqui com você até o frio passar — reconfortou o filósofo, abraçando ainda mais forte o corpo da esposa.

— E depois?

— Como assim "e depois?"?

Outra vez ela não respondeu.

— Você fala como se não fôssemos mais nos ver — observou Guilherme, fitando a face emocionada da mulher.

— Eu sempre o vi, Sr. Sócrates, mas você não me viu.

O escritor sentiu uma dor no peito.

— Por que você fala em enigmas?

— Não há enigmas. Nunca houve. Apenas você é que nunca as entendeu. Nunca houve nada entre você e eu nesses cinco anos, exceto a sua impossibilidade de me ver.

— Está me acusando?

— Eu nunca faria isso, Sr. Sócrates. Eu apenas o amo incondicionalmente. E é por amá-lo que hoje sofro.

Um calafrio percorreu todo o corpo do filósofo.

— Sofre?! — espantou-se. — Sofre como?

— Não posso falar. É uma regra a qual eu sou obrigada a obedecer.

— Mas...

Guilherme não pôde concluir a pergunta, pois os lábios de Samara tocaram os seus. Foi um beijo apaixonado; um longo e maravilhoso beijo.

E a madrugada, mesmo tão fria e chuvosa, foi palco de um encontro entre dois corpos, um momento caloroso e sublime.

Algo, porém, no jardim indicava que aquele seria o último encontro do casal.

Capítulo 18

Dois dias haviam se passado. A enorme mansão estava pronta, tomando o lugar do belo jardim.

Guilherme sentia falta da esposa; durante as duas noites que se passaram, por longas horas, ele a procurou em todos os cantos, mas não obteve nenhum sucesso.

O escritor começava a ficar desesperado, pois não queria passar outra vez tanto tempo sem ver Samara. Era como a morte!

Quando mais três dias se passaram, todos com a ausência da esposa, ele adoeceu gravemente. Febril, delirando e tendo falta de apetite, o empresário tentava entender os motivos que fizeram a amada abandoná-lo.

Ambos haviam tido uma maravilhosa noite de amor; não havia indícios de que fossem se separar. Mas, assim como na primeira vez, uma força desconhecida a levara para sempre.

Capítulo 19

Ao saber da doença de Guilherme, antiga dona da mansão resolveu visitá-lo. Ela, de algum modo, conhecia os motivos da doença e poderia ajudá-lo de alguma maneira.

Quando a velha entrou no quarto, encontrou um homem à beira da loucura completa, sentado na cama, cercado de fotos e papéis, magro e barbudo.

— Sr. Guilherme?!

O filósofo olhou-a rapidamente, mas logo retornou aos estudos, ignorando a visitante.

— Você está bem?

— Eu pareço bem? — retrucou ele, ríspido, sem fitar a mulher.

— Eu sei por que o senhor adoeceu.

— Garanto que a senhora não sabe.

— Você a viu, não? A sua esposa?

Ele a encarou, tomado pelo espanto.

— Meu avô, antes de ser internado, contava-me sobre o jardim — disse ela, diante daquela reação já esperada. — Ele dizia ver a minha mãe e a minha avó, mas ambas estavam mortas há muito tempo; minha mãe morrera assim que eu nasci e minha avó, alguns meses depois, de depressão. Nunca acreditei e também nunca as vi.

O homem parecia empolgado com a revelação.

— Meu pai ia para lá todas as noites — continuou a antiga proprietária. — Isso agravou sua tuberculose. Em testamento me fez jurar nunca destruir o jardim, pois era um lugar para sonhar. Eu nunca vi nada lá, mas sabia que era um lugar mágico.

— Magia não existe — argumentou o doente, esquecendo-se que ele próprio testemunhara o encantamento do local.

— Claro que existe! E você acredita! Se não acreditasse, nunca teria visto sua esposa no jardim!

— Quer dizer que...?

— O jardim materializava o maior desejo, o sonho de qualquer um todas as noites. Mas você destruiu! Perdeu outra vez a sua chance de sonhar.

— Meu Deus! — exclamou o escritor, assombrado.

Epílogo

Tomado pelo arrependimento e pela dor, Guilherme levantou-se e andou cambaleante, saindo do quarto.

— Por Deus! — exclamou a velha. — Sua saúde está fraca demais!

O filósofo não ouviu.

Desceu a escada sem saber bem o que fazia, quase caindo pelos degraus. Andou como pôde até a porta da frente. Abriu-a e saiu, sentindo logo o frio do início da noite. Olhou para o alto, vendo uma noite nublada e negra, assim como estava nas duas noites em que perdera a esposa.

— Samara! — gritou, chorando totalmente desesperado. — Perdoe-me! Eu não sabia! Eu não queria perdê-la!

A chuva começava a cair, parecendo que as estrelas choravam a dor que o escritor sentia naquele momento.

— Saía da chuva, senhor! — pediu uma empregada, preocupada.

Guilherme não conseguia mais controlar os sentidos. A dor era tanta que se misturou com a doença. Todos os sentimentos, emoções e sentidos estavam falhando.

Sem forças, ele se ajoelhou. As lágrimas se misturavam com as gotas de chuva. Os olhos cerravam-se, aceitando o fúnebre convite da noite. O coração batia lentamente. A respiração era quase nula.

— Eu sempre a amarei, Dra. Jung — sussurrou, antes de cair completamente no manto da morte.

— Eu também sempre o amarei, Sr. Sócrates — falou uma voz meiga e suave, enquanto braços delicados abraçavam o espírito cansado de Guilherme.

Acima das nuvens, longe dos olhos de todos, duas esferas brilhantes se uniram, formando uma só...

Sobre o Autor



Apaixonado por dinossauros e mitologia grega, começou a escrever motivado por *Jurassic Park*, mas o primeiro livro, *Ariane*, escrito em 2007, bebeu da lenda de Eros e Psiquê. Desde então, acumulou mais de 40 livros, dezenas de contos e um milhar de poesias, a maioria descartável, mas que o amadureceu como escritor.

Publicou *Zarak, o Monstrinho* em 2011, inaugurando o gênero autobiográfico fantástico; em 2013, apresentou *A Guerra dos Criativos*, o que resultou em projetos ambiciosos, iniciando oficialmente o que ele chama de Lordeverso, que já conta com algumas obras.

Clique **AQUI** para conhecer a obra completa do autor.

Saiba mais em *https://fb.com/AlecSilvaEscritor*